

EDUCAÇÃO TRANSDISCIPLINAR

– PERFIS E PROJETOS

Jean Biès

*Doutor d'État ès Lettres, Professor de Letras Clássicas,
Antigo Encarregado de Cursos na Faculdade de Letras de Pau – França,
Cavaleiro na Ordre du Mérite, Cavaleiro da Légion d'Honneur*

A educação transdisciplinar é, para a escola e a universidade, a reabilitação adaptada de uma antropologia tripartite de uma ecologia espiritual, de uma psicologia-psicosofia, de uma metafísica universal, e das suas aplicações práticas respectivas.

A antropologia ternária encara o ser humano em sua totalidade de "corpo" – físico e mental –, de "alma" e de "espírito". É ela que a educação que nos interessa retoma à sua conta, não se satisfazendo em reduzir a hipertrofia cerebral, mas dando aos planos corporais, físico e pneumático sua dignidade perdida. Ela é de natureza holística.

Um desenvolvimento harmonioso do corpo insiste menos em exercícios musculares do que na respiração controlada, no domínio de si, na consciência dos movimentos executados, na aprendizagem do gesto em via de ritualização. A flexibilização corporal está em estreita correlação com uma certa plasticidade aquática, com uma flexibilidade vegetal: a da psique sensível e da inteligência sutil. A atividade manual, que dá forma à matéria a partir da iniciativa pessoal e artística, não está separada delas. Ela dá valor à mão criadora e combate o preconceito segundo o qual só a vida intelectual merece consideração.

O corpo individual está ele mesmo ligado ao cosmo: ambos enraízam-se nos mesmos elementos, desenvolvem-se de acordo com as mesmas leis. A educação transdisciplinar faz sua equação: microcosmo igual macrocosmo. De onde decorre a importância atribuída a uma ecologia transpolítica e espiritual.

Do que se trata aqui é de um outro olhar sobre um *physis* tornada de novo viva, de uma tomada de consciência da sua fragilidade ameaçada e de uma vontade de medidas protetoras, menos provenientes de decretos do que de um amor reeducado para a beleza do mundo. Aliás, as crianças são naturalmente levadas à redescoberta dos *mirabilia* dos quais abundam a fauna e a flora; seu poder de maravilhamento as torna espontaneamente sensíveis à sacralidade dessas "teofanias" fenomênicas que encantam o mundo. É fácil sublinhar as correspondências entre o infinitamente grande e o infinitamente pequeno recorrendo à macro e à microfotografia.

Voltando-se para o mundo dos arquétipos, a ecologia transdisciplinar inscreve em seu programa – sem deixar de aportar os corretivos e as atualizações necessárias – os filósofos alemães da natureza: Schelling, Novalis, Schlegel[1]; os sofíólogos russos: Soloviev, Florensky[2]; os transcendentalistas americanos: Emerson, Thoreau[3]; todos aqueles que, discípulos ou êmulos de um Grégoire de Nyssa ou de um Jacob Boehme, não aderem à concepção mecanicista e cientificista da matéria, mas adotam a visão não-dualista dos diferentes graus de materialidade.

A educação transdisciplinar abate as divisórias entre as fronteiras do saber, e, de acordo com a fórmula feliz de Basarab Nicolescu, pratica a sua "transgressão jubilatória". Ela tende para a

aquisição de um transcultura que aproxima os campos literários e científicos sob a égide destas inteligências completas que foram Pascal (combinando espíritos de sutileza e de geometria), Goethe (colocando frente à frente poemas e experiências químicas), ou Bachelard (explorando o imaginário sem abandonar a racionalidade), a fim de criar "o novo espírito científico".

A mesma perspectiva vivifica cada disciplina a partir do interior. Ela abre, em lingüística, para uma visão cavalheiresca das raízes indo-européias: inúmeras *chaves* que dão acesso às cinquenta línguas que nasceram dali. Ela não reduz a história ao desenrolar linear dos acontecimentos ou à sua filosofia econômico-social, mas se pretende estudo do papel do sagrado não como etapa da evolução, mas, como bem viu Mircea Eliade, como constante da consciência. Ela restitui à botânica e à zoologia o legendário e o mitológico em sua decodificação simbólica. Ela alarga a medicina às terapêuticas energéticas, das quais um Paracelso foi o iniciador. Ela acrescenta à matemática quantitativa a qualidade numérica, como a abordam o pitagorismo ou o taoísmo, restabelecendo com isso um pensamento sistêmico no qual toda realidade é maior do que a soma de suas partes. Ela enriquece a lógica binária: A diferente de B, das outras combinatórias possíveis, familiares ao Oriente e atualizadas por Lupasco. Embora distinguindo, como ele, o contraditório que inclui as polaridades contrárias, do contraditório que exclui as polaridades opostas, ela abre para e ensina o leque dos diversos pontos de vista tomados como outros tantos níveis de realidade regidos por lógicas diferentes, tais quais as que Husserl pôs em relevo. Com isso, ela conjura os perigos conflituosos, inerentes à unilateralidade e à exclusividade, frutos de um dualismo corrompido, e abre para a tolerância, que é respeito pela alteridade.

A mente individual está ela mesma ligada à inteligência divina. A mente é o lugar do pensamento discursivo, do saber, do entendimento; a inteligência divina é o lugar da intuição e do conhecimento.

Fundada no multidimensional, a educação transdisciplinar induz necessariamente um sistema de formulações totalmente diverso das exposições *more geometrico* do racionalismo clássico. Seu enunciado não é estranho ao sentimento, ao subjectivo, à imagem, à essa poesia da qual Roberto Juarroz diz que é "uma coisa sem a qual o homem não pode viver", e que atualmente está ausente da *via seca* dos tecnocratas.

Assim convém introduzir os novos pesquisadores na polissemia dos símbolos, no figurado e no sugerido que se abre para o sentido, para além de um literalismo indigente; mas também no paradoxo, que só é insuportável para um racionalismo fechado em categorias definitivas; mas também na apófase (na proposição negativa), que subtrai ao invés de acrescentar, que reduz não ao irrisório mas ao quintessencial: espaço livre e vasto no qual só o que se eleva é uma floresta de terceiros incluídos; mas também, para além da catáfase (proposição positiva) e da apófase, no silêncio que reina no mais secreto da sua caverna[4].

Esse retorno à hermenêutica permite a *amplificação* no comentário dos poemas, dos contos, dos mitos e dos textos sagrados; ele não exclui uma ambiguidade délfica, que estimula a inventividade criadora fazendo-a mover-se em muitos registros. Se as especialidades e as compartimentações se esforçam nas definições, que fecham e enrijecem, o transdisciplinar, que conduz ao aberto, se agrada com as *in-finições*.

A educação transdisciplinar também engloba a psicologia. Torna-se difícil de fazer, diante do reducionismo freudiano, como se Jung não existisse, no qual a alquimia e o *Yi King* se fertilizam

mutuamente, antes mesmo de encontrar essa sabedoria transumanista na qual já não se *crê* pois se *sabe*.

Se a *nigredo* explora o mundo dual dos antagonismos e faz com que o analisando tome consciência deles, se a *albedo* os ordena e os concília, a *rubedo* os transcenderá numa unidade superior. Se duas funções clamam por sua antinomia, o trabalho analítico favorecerá a eclosão de uma terceira função transconflitual. Se o homem e a mulher se opõem na guerra das prerrogativas, o exame dos sonhos regulará a manifestação da *anima* e do *animus*. Se, num primeiro grau de realidade, o cruzamento de um fato externo e de um estado interno será atribuído ao aleatório, num nível mais elevado será chamado de coincidência ou mesmo de sincronicidade. Cada vez o terceiro secretamente em ação nesse ou naquele componente concorrente reabsorve o conflito, estabelecendo um acordo que vibra com a perfeição desse terceiro secreto.

A alma individual está ela mesma ligada à grande comunidade anímica. Como os elementos alimentadores dos "homêmeros" – cada um dos quais contém todos os outros –, cada ser humano contém em si os diversos componentes da humanidade.

A educação transdisciplinar só pode favorecer a relação e a interação fecundante das dualidades no encontro de dois sujeitos em cada um dos quais existe algo do outro. O transdisciplinar se faz aqui escola de fraternidade. Ele recorre a Martin Buber, para quem o encontro se coloca além do "Eu" e do "Tu", e cujo face-à-face humano prefigura o Face-à-Face humano-divino. Na relação verdadeira, a experiência da reciprocidade está na Natureza de ser; ela resolve os contrários no seio dessa *conciliatio oppositorum* que, para Nicolau de Cusa, é Deus mesmo. Ele também pode citar Beardieff, que considera que "a essência do amor é transcender", e que a comunhão alça cada um dos eus ao status de "pessoa".

Abismada pela solidão, mortificada pela desindividualização, a juventude, espontaneamente levada ao estar junto, à partilha, nada mais pede senão essa aprendizagem da comunidade, que não é nem solipsismo, nem coletividade, mas situação singular na qual aquele que está em frente não é um muro mas um espelho. Já uma primeira compreensão recíproca entre aluno e professor – que ensina menos com o que ele sabe do que com o que ele é -, prepara para esse tipo de autenticidade.

A educação transdisciplinar não saberia banir do seu campo os campos do sagrado, uma vez que é justamente o sagrado que interliga o objeto e o sujeito, o pensamento e a experiência, o efetivo e o afetivo, transgride as dualidades, opera as transmutações.

Esta frase de São Paulo: "Há um único Deus..., que está *acima* de tudo, age *através de tudo*, vive *dentro de tudo*"[5], é exemplarmente transdisciplinar e poderia servir de exergo à exploração das grandes tradições espirituais. Trata-se, em outras palavras, de considerar ao mesmo tempo 1) a Transcendência (o Absoluto, o Sobre-Ser, a Vacuidade-Plenitude), lugar sem lugar de toda superação; 2) o espaço intermediário (o plano dos arquétipos), lugar de conciliação dos opostos celestes e terrestres, pátria imaginal do terceiro; e 3), a imanência, plano dos elementos ainda não organizados.

Tal exploração assinala os isomorfismos e analogias que aproximam umas das outras essas tradições e tendem para a fina a ponta do infinito no qual as últimas convergências se fundem na unidade. Essa exploração se situa no polo oposto aos falsos sincretismos dissolventes, e no inteiro

respeito de cada tradição, reatando-se com o fundo primordial comum de todas elas. Quer dizer que tal disciplina se abre menos para a Sociologia das religiões que para sua metafísica, e que sua biblioteca ideal se honra de acolher estes mestres transdisciplinares da não-dualidade que são Dionísio o Areopagita, Mestre Eckhart, Ibn Arabî, Shankarâcharya, Tchouang-Tseu, para citar apenas os mais ilustres, como também, entre os modernos, aos guias os mais autorizados da *philosophia perennis*: René Guénon, Frithjof Schuon, Henri Corbin, Ananda Coomaraswamy, e muitos outros.

O espírito individual está ele mesmo ligado ao Espírito. Conforme uma comparação conhecida, ele é, enquanto individualidade humana, como o reflexo sobre a água em relação ao Sol, que designa a Personalidade Transcendente, um e outro reunidos pelo raio luminoso: o intelecto superior, o terceiro incluído entre o divino e o humano. Toda a vocação humana reside no retorno ao Sol do seu reflexo. Não mais que nos outros campos, não poderia haver distorção entre o especulativo e o operativo, entre a exposição dos princípios e sua integração vivida. A educação transdisciplinar não prende a um objeto de experimentação; ela suscita um experimentador, e sua fusão na realização interior.

Para isso ela fornece os instrumentos, tais como 1) a prática de virtudes espirituais: desinteresse, generosidade, atenção, rigor mental e moral, não prejudicar ninguém; 2) os exercícios de interioridade: silêncio, observação de si, discriminação, presença ao presente, meditação, e, na via do Deus pessoal, oração e ritual.

A educação transdisciplinar não poderia deixar de ser escola de sabedoria.

O advento transdisciplinar entre nós assemelha-se bastante à aparição avatárica de uma presença insólita, suscitando o interesse, o estupor, o entusiasmo ou o temor. É certo que provoca uma profunda perturbação das consciências e das mentalidades, uma completa inversão ontológica. Mas não é justamente quando o olhar sobre o mundo muda que o mundo começa a mudar? Seria supérfluo explicar que não se trata de voltar nostalgicamente para um passado cujos modos de interpretação ou de expressão estão ultrapassados, mas de reencontrar as estruturas de base e os eixos de referência, cuja *permanência* permite com que atravessem as sucessivas muralhas do tempo sem desbotar e sem murchar.

Só o transdisciplinar, devido à sua vocação para a conciliação e para a superação, está a altura para impedir o advento de novas formas totalitárias de ordem política, intelectual ou religiosa; de incentivar a manifestação da unidade na diversidade e da diversidade na unidade; de por um fim na absolutização da objetividade (e da objetivação), nas especulações e fragmentações exageradas; de reavaliar o papel do corporal, da sensibilidade, do imaginário, da intuição, do feminino; e de substituir uma mundialização por baixo, por um ecumenismo pelo alto.

O vazio deixado pelo niilismo pode se mostrar como o berço de uma inspiração nova, concavidade germinativa na qual o oposto torna-se o diferente, o separado torna-se o ligado, e os antagonismos tornam-se os complementares. As resistências não faltam nem faltarão, devidas à lentidão do espírito humano em se colocar em questão, em se desabituar, devidas também ao seu medo do desconhecido. A acusação de utopia será lançada, como sempre que há maturidade do dizer e imaturidade do fazer.

Nesta idade crepuscular povoada de ambigüidades aurorais, o transdisciplinar, cujos avanços e pendores já podemos ver, advirá na hora que é a sua.

Paciência no lusco-fusco!

1 Transitude

*Entre, através e além
o longe e o perto, o sem-Onde,
ontem e amanhã, o instante perene,
o movimento e o eixo, a dança.
Entre, através e além
o vidro e o ar, a transparência,
sílabas e respiração, o sabor,
o dito e o tu, a presença.
Entre, através e além
vazio e cheio, cumplicidade,
a ânfora e a argila, uma mão,
ser-o e o nada, o sentido.*

1.1 NOTAS

[1] Os Naturphilosophen [filósofos da Natureza] reinterpretem a natureza a partir das “correspondências” e das “assinaturas”; eles vêem nela um Todo vivo e não a separam do Espírito.

[2] A “sofianidade” reconhece na Sabedoria divina a imanência e o feminino; ela identifica a Terra original, a Energia cósmica e a Mãe de Deus.

[3] Proveniente do idealismo germânico e descobridor da filosofia hindu, o transcendentalismo reuniu num todo Deus, a natureza e o homem.

[4] A via catafática, ou afirmativa, enumera os atributos de Deus através das suas energias; a via apofática, ou negativa, elimina-as sucessivamente para guardar apenas a Essência indizível.

[5] Efésios, IV, 6.